
A LENDA “CURUZÚ LA NOVIA” E SUA RECRIAÇÃO NO CONTO HOMÔNIMO DE JOSEFINA PLÁ¹

Betania Vasconcelos da Cruz Fraga²

Altamir Botoso³

Suely Aparecida de Souza Mendonça⁴

Resumo: Neste artigo, estudamos alguns aspectos do gênero conto, uma narrativa breve, porém pujante e marcante. Tal narrativa entrelaça-se com as lendas populares orais e com a memória cultural popular, e esse fato pode ser observado em relação à lenda “Curuzú la novia”. A escritora hispano paraguaia Josefina Plá parte do título dessa lenda e recria um novo contexto dentro do conto “Curuzú la novia”, retratando os conflitos de seu tempo através dos personagens Perú e Silveria do livro *Cuentos Completos I e II* (2014). Nesse sentido, objetivamos analisar e compreender por meio do conto mencionado, aspectos tais como a masculinidade, orgulho, obsessão, intolerância e a construção do discurso patriarcalista que cerca a sociedade. Como suporte teórico, utilizamos as obras e estudos de Antonio Candido (2014), José Luiz Fiorin (1998), Edgar Allan Poe (1999), Julio Cortázar (1974), Diana Luz Pessoa de Barros (2005), Nádia Battella Gotlib (2006), Vladimir Propp (2001), Pierre Bourdieu (2017) e Heleith Saffioti (2015). Em suma, as figuras masculinas de Plá comprovam que os homens reproduzem o modelo de comportamento para eles determinados, que a ficção da escritora paraguaia denuncia, discute e, em última instância, projeta reflexões que podem possibilitar mudanças futuras nesse cenário.

Palavras-chave: Conto. Josefina Plá. Lenda. Literatura paraguaia.

Resumen: En este artículo, estudiamos algunos aspectos del género cuento, una narrativa breve, pero pujante y marcante. Tal narrativa entrelaza con las leyendas populares orales y con la memoria cultural popular, y ese hecho puede ser observado en relación a la leyenda "Curuzú la novia". La escritora hispano paraguaya Josefina Plá parte del título de esta leyenda y recrea un nuevo contexto dentro del cuento "Curuzú la novia", retratando los conflictos de su tiempo a través de los personajes Perú y Silveria del libro *Cuentos Completos I y II* (2014). En este sentido, objetivamos analizar y comprender por medio del cuento mencionado, aspectos tales como la masculinidad, orgullo, obsesión, intolerancia y la construcción del discurso patriarcalista que rodea a la sociedad. Como soporte teórico, utilizamos las obras y estudios de Antonio Candido (2014), José Luiz Fiorin (1998), Edgar Allan Poe (1999), Julio Cortázar (1974), Diana

¹ Este artigo é uma reelaboração de um tópico de nossa dissertação de mestrado intitulada *A representação das personagens masculinas em contos selecionados de Josefina Plá* (2019), defendida no programa de pós-graduação em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS.

² Mestre em Letras pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, UEMS, campus de Campo Grande-MS. E-mail: betania.filologa@gmail.com

³ Doutor em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, campus de Assis-SP e docente do curso de Letras/Espanhol e do Mestrado em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, UEMS, campus de Campo Grande-MS. E-mail: abotoso@uol.com.br

⁴ Doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, campus de Assis-SP e docente do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, UEMS, campus de Maracaju -MS. E-mail: surielmitzi@hotmail.com

Luz Pessoa de Barros (2005), Nádia Battella Gotlib (2006), Vladimir Propp (2001), Pierre Bourdieu (2017) y Heleieth Saffioti (2015). En resumen, las figuras masculinas de Plá comprueban que los hombres reproducen el modelo de comportamiento para ellos determinados, que la ficción de la escritora paraguaya denuncia, discute y, en última instancia, proyecta reflexiones que pueden posibilitar cambios futuros en ese escenario.

Palabras clave: Cuento. Josefina Plá. Leyenda. Literatura paraguaya.

Considerações iniciais

A evolução histórica do gênero conto é cheia de riquezas e diversidades, pois esse gênero saiu da tradição popular oral passando para o território da literatura escrita. A capacidade do conto em adaptar-se a todas as épocas é extraordinária, haja vista sua variedade de conteúdo, sua forma e dimensão, suas transformações e características. Levando em conta o fato extremamente importante dessa inter-relação entre o oral e o escrito, o nosso propósito, neste estudo, é realizar uma análise do conto “Curuzú la novia”, no qual observamos como a linguagem tem influência também sobre os comportamentos do homem. Inicialmente, traremos algumas contribuições sobre o conto, gênero a que pertence grande parte da produção ficcional de Josefina Plá e, em seguida, ponderações sobre a lenda “Curuzú la novia”, para na sequência analisarmos a narrativa selecionada para este estudo.

Nesse sentido, de acordo com Rigaud (2009, p. 5) no século XVII, inspirado pela tradição folclórica oral, Perrault transformou lendas populares em contos. Tais lendas surgiram originalmente como narrativas que eram contadas oralmente e passaram para o formato escrito. Usando temas determinados com caráter pedagógico e com grande originalidade e inovação, Rigaud (2009) ainda pontua que Perrault reescreveu contos populares da tradição oral dentro de um estilo literário, sendo fiel aos temas e à estrutura. Como seu repertório era destinado ao público infantil, buscou conservar a simplicidade na escrita e modificar os finais das histórias, quando estes apresentavam finais como mortes e eventos violentos.

Já no começo do século XIX, os contos populares tradicionais conheceram uma nova versão, graças às narrativas dos irmãos Grimm, que publicaram contos infantis em 1812. Foi através dos contos populares tradicionalmente coletados, que os irmãos Grimm tornaram-se referência de contos para crianças. Seus contos possuíam um fundo

moral e educativo. O objetivo dos irmãos Jacob e Wilhelm Grimm era preservar e estudar o caráter linguístico e filológico da língua alemã. Mas, foi no século XIX, com Hans Christian Andersen, que o conto de fadas transformou-se em um artefato literário. De modo inovador, cheio de originalidade e imaginação, Andersen criou contos infantis, influenciado também pelo folclore tradicional.

Um dos fatores que marcou a evolução do gênero conto foi a preocupação de vários estudiosos que tentaram dar uma definição para esse gênero. Para o contista Edgar Allan Poe, que tratou de aspectos teóricos do conto, em seu ensaio *A filosofia da composição* (1999), parte de uma relação entre a extensão do conto e a reação que ele consegue provocar no leitor, ou o efeito que a leitura vai causar-lhe. Para esse contista, a composição literária causa um efeito, partindo da intenção; o autor tem que ter em mente seu público alvo, posteriormente a extensão, pois o conto não deve ser longo demais, nem pequeno demais para se atingir o efeito. Como efeitos que o autor pode causar no leitor pode se destacar o estado de excitação, ou de exaltação da alma, sequencialmente o tom, se é de tristeza, alegria, satisfação etc. Ainda de acordo com Poe, a elaboração do conto é produto de um extremo domínio do autor sobre os seus materiais narrativos, pois esse gênero, como toda obra literária, é produto de um trabalho consciente, que se faz por etapas, em função do efeito que o autor quer causar em seu leitor.

Já o escritor estruturalista russo Vladimir Propp, inspirado no gênero folclórico, em seu livro publicado em 1928, *Morfologia do conto maravilhoso*, toma como ponto de partida 600 contos populares russos e, delimitando seus estudos aos contos de magia, ele queria encontrar uma explicação histórica para a uniformidade do conto maravilhoso. Nas narrativas folclóricas que pesquisou, o estudioso encontrou sete personagens e trinta e uma funções, observando assim a diferença do conto de magia para outros tipos de contos. Em seus estudos, Propp verificou que os contos populares edificavam-se sempre em torno de um núcleo. O herói sofre um dano ou um prejuízo, a cada nova carência, origina-se uma nova sequência de ações. Dentro desse viés, o contista Edgar Allan Poe e o escritor estruturalista russo Vladimir Propp compreendiam o processo literário como uma máquina que se montava por peças.

Complementando essas colocações sobre o conto, o escritor argentino Julio Cortázar (1974, p. 150-151), em seu ensaio “Alguns aspectos do conto”, o escritor utilizando-se do engenho artístico e sua carga de valores humanos e literários, apresenta

uma maneira especial de entender e ver o mundo e a criação espontânea que se dá no exame crítico que esse escritor tem da época a que pertence em relação ao gênero do qual nos ocupamos neste artigo. Esse estudioso afirma que

é preciso chegarmos a ter uma ideia viva do que é o conto, e isso é sempre difícil na medida em que as ideias tendem para o abstrato, para a desvitalização do seu conteúdo, enquanto que, por sua vez, a vida rejeita esse laço que a conceptualização lhe quer atirar para fixá-la e encerrá-la numa categoria. Mas se não tivermos uma ideia viva do que é o conto, teremos perdido tempo, porque um conto, em última análise, se move nesse plano do homem onde a vida e a expressão escrita dessa vida travam uma batalha fraternal, se me for permitido o termo; e o resultado dessa batalha é o próprio conto, uma síntese viva ao mesmo tempo que uma vida sintetizada, algo assim como um tremor de água dentro de um cristal, uma fugacidade numa permanência. (CORTÁZAR, 1974, p. 150-151).

Cortázar esclarece que o conto é algo breve, fugaz, porém permanente em sua potência. O conto teria um tamanho limitado, não ultrapassando mais que vinte páginas. O contista também faz uma comparação do conto com a fotografia, dizendo que é no espaço limitado que o fotógrafo tenta passar todas as informações, assim funciona o conto, que é um modo dinâmico e panorâmico de narração. Em seguida, o contista escolhe e limita um acontecimento. Um bom conto segundo Cortázar é incisivo, mordente, sem trégua desde a primeira frase. A escolha do tema é fundamental. Mesmo que de acordo com o autor, não existam no conto elementos gratuitos ou puramente decorativos, sua tensão é constante, um resumo da condição humana.

Dessa forma, compreende-se que um bom contista é aquele que busca sempre o excepcional dentro do cotidiano. De acordo com Frank O'Connor, (*apud* GOTLIB, 2006, p. 58), o conto visa satisfazer o leitor solitário, individual, crítico, porque nele não há heróis com os quais este possa se identificar, tal como acontece no romance, em que esta solidão é de certa forma amenizada ou desaparece, na medida em que compartilha as ações do herói e se identifica com ele. Já para Norman Friedman (*apud* GOTLIB, 2006, p. 65), a brevidade é considerada como fator diferencial, baseando-se apenas nos sintomas e não nas causas. A questão não é “ser ou não ser breve”, a questão é: “provocar ou não maior impacto no leitor”. Nesse sentido, atentamos que dentro da ficção de Josefina Plá, seus contos sempre têm desdobramentos polêmicos, a autora é uma artesã da linguagem, trazendo seus leitores para o universo da ficção e impactando-os.

Memória cultural da famosa lenda de “curuzú la novia”

O conto que selecionamos para este tópico, é uma reescritura da lenda “Curuzú la novia”, que a escritora hispano paraguaia Josefina Plá retirou da tradição popular oral e passou para o território da literatura escrita em forma de conto. Nesse sentido, a definição de lenda tem várias acepções e segundo o dicionário de termos literários (MOISÉS, 2013, p. 268), designa “toda narrativa em que um fato histórico se amplifica e se transforma sob o efeito da imaginação popular”. Não raro, a veracidade se dissipa no correr do tempo, deixando subsistir apenas a versão folclórica dos acontecimentos. Dentro desse contexto, a lenda “Curuzú la novia” pode conter um elemento real, mas sabe-se que às vezes são invenções, relatos do imaginário popular e, em determinados casos, verdadeiras narrações fantásticas, que incorporam-se ao acervo do folclore popular, passando de geração em geração valores culturais que firmam a identidade de um povo, modo de vida, tradições e crenças. As lendas fazem parte da essência do ser humano, criando histórias, monstros ou heróis, personagens símbolo de amores impossíveis, sonhos não realizados e conflitos entre o homem e a natureza.

“Curuzú la novia” é uma lenda da Ilha Oca na Argentina⁵, que deságua no rio Paraguai, zona habitada por colonos que se dedicam à agricultura e à criação de animais. Conta a lenda que vivia nessa ilha um casal de noivos que, por causa das dificuldades financeiras, não se decidiam em relação à data do casamento. Depois de tantos anos de noivado, os pais da noiva pressionavam o casal para marcarem a data do casamento. Depois de muita pressão, ambos decidem se casar. A notícia correu por toda parte da ilha, como uma novidade que surpreendeu a todos, pois o casal era conhecido por toda gente. Marcaram a data do casamento, e iniciaram-se as preparações; as testemunhas, a festa, e a canoa para levar os dois para realizarem o registro civil do enlace, que ficava numa localidade do outro lado da ilha. Terminando a cerimônia civil e religiosa, a comitiva se preparava para voltar ao outro lado, onde todos esperavam os noivos ansiosos para comemorar.

Contudo, o destino havia preparado uma surpresa, antes de a canoa chegar a seu destino, o clima começou a mudar, o céu ficou negro, iniciando uma tempestade com

⁵ Todos os dados referentes à lenda de “Curuzú la novia” baseiam-se no texto “Curuzú la novia: una tragedia de Formosa que se convirtió en una leyenda de amor”, disponível em: <<https://es-la.facebook.com/878637112226831/photos/a.878637202226822.1073741833.878637112226831/1196230317134174/?type=3>> Acesso em: 11 mai. 2018.

chuvas e fortes ventos, a canoa submergiu. Alguns puderam salvar-se nadando até o outro lado, porém os apaixonados recém-casados não tiveram a mesma sorte e desapareceram embaixo da superfície das águas para nunca mais serem encontrados. Segundo a lenda, os pais da noiva choraram por muito tempo, acreditando serem os culpados por terem feito tanta pressão, para que o casamento se realizasse. No local do ocorrido, a população colocou uma grande cruz de madeira em memória das jovens almas.

Destarte, observa-se que a mitologia indígena paraguaia está presente nas narrações de Josefina Plá, e um bom exemplo disso se encontra no conto “La jornada de Pachi Achi”, no qual a protagonista é perseguida pelo marido de sua irmã, pois se pressupõe que Plá retoma a etnoliteratura Nivacle com a lenda “La Manta”. Narrada pela pesquisadora Leni Pane Chelli em uma compilação elaborada por Perez-Maricevich (1996), o conto indígena apresenta a história de uma jovem índia transformada em víbora pelo marido da irmã, após preparar uma poção à base de mel e ovos de serpente, vingando-se do desprezo que a cunhada nutria por ele. Nesse sentido, Josefina Plá, inspirada pela tradição folclórica oral paraguaia, transforma a lenda “Curuzú la novia” em uma narrativa no formato de conto. Comprometida em contar a realidade de seu tempo, a escritora volta-se para temas complexos e também do imaginário popular. Plá recriou um novo texto para “Curuzú la novia” engendrando necessariamente importantes modificações de temas e acontecimentos conflituosos, pondo em evidência os conflitos culturais da época. Assim, verifica-se que realidade e ficção tangenciam-se nas narrativas de Plá.

Segundo o escritor argentino Julio Cortázar (1974, p. 150-151), o contista tem uma maneira especial de entender e ver o mundo, utilizando-se do engenho artístico e sua carga de valores humanos e literários, para a criação espontânea que se dá no exame crítico que esse escritor tem da época a que pertence. Tal postura coaduna-se com o que aponta Fiorin (1998, p. 29): “podemos então afirmar que não há um conhecimento neutro, pois ele sempre expressa o ponto de vista de uma classe a respeito da realidade. Todo conhecimento está comprometido com os interesses sociais”. Em relação ao gênero conto do qual grande parte das narrativas de Plá fazem parte, é válido salientar que Josefina Plá escreveu também contos infantis, trabalhou na imprensa escrita e de radiodifusão, escreveu poesia, teatro, fazia e ensinava cerâmica. O ofício de radialista deixou ressonâncias nas suas produções ficcionais, porque é possível notar em suas

narrativas um estilo bastante peculiar e a natureza do efeito de sua escrita, que agregava a oralidade à escrita.

Sendo assim, podemos considerar que Josefina Plá toma emprestado o título da lenda, constrói um contexto histórico e social por meio de personagens ficcionais, criando um discurso que engloba o oral ao escrito dentro do conto “Curuzú la novia”. Dentro desse âmbito, Josefina Plá recria uma nova conjuntura para o casal apaixonado. Mostra com clareza uma maneira de ver o mundo de uma dada sociedade, numa determinada época. De acordo com Gotlib (2006, p. 12, grifos do autor), “a esta altura, não importa averiguar se há *verdade* ou *falsidade*: o que existe é já a ficção, a arte de inventar um modo de se representar algo”. Nesse sentido, o simulacro⁶ criado por Plá causa surpresa, quando o leitor se depara com a realidade, pois as emoções e expectativas afloram.

Uma outra versão da lenda “Curuzú la novia” no conto de Josefina Plá

Enfatizando sua visão particular do mundo, Josefina Plá apresenta em “Curuzú la novia” (2014), uma real dimensão humana e social a qual é caracterizada, essencialmente, por sua tendência ao patriarcado. Nesse sentido, segundo Gotlib (2006, p.8), mil e uma páginas têm sido escritas para se tentar contar a história da teoria do conto e, de acordo com Cortázar (1974, p. 151), para se entender o caráter peculiar do conto, costuma-se compará-lo com o romance, gênero muito mais popular, sobre o qual abundam as preceptísticas (receituários). Assinala-se, por exemplo, que “o romance se desenvolve no papel, e portanto, no tempo de leitura, sem outros limites que o esgotamento da matéria romanesca; por sua vez, o conto parte da noção de limite, não mais que vinte páginas”, algo breve, fugaz, mas permanente em sua potência. Ainda de acordo com Cortázar (1974), um conto é significativo quando quebra seus próprios limites com a explosão de energia espiritual que ilumina bruscamente algo que vai além da pequena história que conta.

⁶ Deleuze (2000, p. 10): “O simulacro não é uma cópia degradada, ele encerra uma potência positiva que nega tanto o original como a cópia, tanto o modelo como a reprodução”, mencionado em <http://escolanomade.org/wp-content/downloads/gilles_deleuze_-_platao_e_o_simulacro.pdf> Acesso em: 01 de dez 2018.

Dentro desse contexto, baseando-se no título da lenda, Josefina Plá toma o discurso para criar outra categoria, construindo seu próprio simulacro³ dentro do conto “Curuzú la novia”, a autora nos faz refletir através de sua ficção, sobre o cenário da condição humana, já que no conto em apreço, comprova-se uma criação da figura de um legítimo representante do sistema patriarcal, que não admite ser contrariado e age com violência extremada para fazer valer somente os seus próprios interesses e desejos, numa sociedade que é conivente com essa atitude e até a incentiva.

O conto “Curuzú la novia” inicia-se em uma dimensão mítica literalmente eternizada no imaginário popular paraguaio, abrindo-se com informações que irão situar o leitor em relação ao que se irá narrar. O primeiro dado que chama a atenção é a presença de um narrador heterodiegético (GENETTE, 1979), portanto, ausente dos fatos narrados, explanado em terceira pessoa, com passagens em discurso indireto livre no pretérito perfeito, com um enredo que apresenta poucos personagens. O tema é a violência, a narrativa é concisa, com uma linguagem simples e direta. A ação é concentrada em uma tensão narrativa única, iniciando-se de forma atemporal. A narrativa lança-se em uma dimensão crítica nos proporcionando uma leitura a respeito das imposições patriarcais, problematizadas nos conflitos do casal Perú e Silveria. Na sequência dessa exposição que apresenta elementos espaciais, há um diálogo que evidencia a importância das duas cruzes descritas:

Eran dos las cruces, casi tocándose sus nichos, en aquel bajo, a la sombra del yvapovó de tronco acanalado como columna bárbara. Uno de los nichos, el más grande, rústico; la cruz sencilla y sin adornos. El otro, más pequeño, con un frontis ingenuamente barroco; la cruz labrada y de estola rematada por puntillas y arabescos. Rodeaban esta cruz constantemente flores humildes: margaritas, espuelitas, a veces el silvestre agosto poty. Gente recién llegada o de paso preguntaba por qué de esos dos nichos juntos, apoyados casi el uno en el otro (PLÁ, 2014, p. 29).⁷

No fragmento transcrito abaixo há um diálogo, que evidencia a importância das duas cruzes descritas:

⁷ “Eram duas cruzes, quase tocando suas concavidades, um dos côncavos era maior e rústico, uma era simples e sem enfeites, coberta com tecidos. A outra era menor, com uma fachada barroca, era esculpida e possuía uma túnica coberta de laço pintado de dourado. Esta cruz sempre estava rodeada de flores. A outra somente oferecia a habitual oferenda de “itá-curuzú”, era amarela. A pequena sempre estava limpa, seu tecido passado. As pessoas que passavam por ali sempre perguntavam o porquê desses dois côncavos juntos, apoiado um ao outro.” (Todas as traduções foram efetuadas pelos autores do artigo).

–Ese más lindo es una curuzú la novia. La cruz de Silveria Martínez. La mató el hombre que la quería. De celos.
–¿El otro nicho es de él? No. Es de otro hombre.
–¿Otro pretendiente de Silveria?
–No. Ni siquiera se conocían.
–Pero los nichos están juntos.
–Y, así es (PLÁ, 2014, p. 29).⁸

Os protagonistas do conto são Pedro Esquivel e Silveria. Pedro, que era conhecido como Perú, era apaixonado por Silveria, que tinha dezessete anos, olhos azuis e pele “parecida com a cor do milho”. Sua aparência se destacava entre os colonos. Era linda e honesta, trabalhava maravilhosamente fazendo bordados. A narração reforça os adjetivos “guapa” e “honesto”, e o fato de bordar “maravilhosamente”, pontuando uma função tradicional para mulher. Em suma, Silveria era trabalhadora e fiel. O relato nos apresenta também Perú como seu oposto, pois seu comportamento faz menção ao contexto social trazendo à tona suas atitudes, retratando a expressão intensa de virilidade, já que análogo a um beija-flor, era um conquistador, infiel e teimoso. Na sequência das ações, o narrador apresenta o perfil dos protagonistas,

Huérfana desde chica, vivía con una vieja parienta, que la mezquinaba mucho. Perú festejaba a Silveria desde chiquilina: Silveria le correspondía; nada se oponía a que se casaran, porque Perú era también huérfano y poseía una pequeña chacra que daba para vivir. (PLÁ, 2014, p. 30).⁹

Semelhante a Silveria, Perú também era órfão, mas trazia em seu âmago uma visão machista, segundo a qual a mulher deve submeter-se ao homem, aceitar as suas infidelidades e obedecer. Dentro desse cenário, observamos estereótipos femininos: bonita, sensível, trabalhadora e fiel e estereótipos masculinos: macho, viril, teimoso e infiel. Na sequência da narrativa, Silveria percebia que Perú era um pouco teimoso e decidiu esperar antes de marcarem a data do casório. O fetiche do casamento, almejado ardentemente por toda mulher da época, incomoda Silveria. Mas passando um tempo, os

⁸ “A cruz mais linda é de Curuzú a namorada. A de Silveria Martínez. Matou-a o homem que a amava. De ciúmes.

– E a outra cruz é dele? Não. É de outro homem.

– Outro pretendente de Silveria?

– Não. Eles nem sequer se conheciam.

– Mas os túmulos estão juntos.

– E, assim é.”

⁹ “Órfã desde criança, vivia com uma parente idosa, que a protegia muito. Peru cortejava Silveria desde a infância: Silveria correspondia; ninguém era contra o casamento, porque Peru também era órfão e possuía uma pequena chácara que dava para viver.”

noivos começaram os preparativos para o casamento. Na sequência dos fatos, “Eduvigis, la mejor amiga de Silveria, estaba encinta. La familia hizo las averiguaciones del caso, y el culpable resultó ser Perú” (PLÁ, 2014, p. 30).¹⁰

Consternada com o ocorrido, Silveria pede explicações a Perú. Este negou tudo, e quase convenceu Silveria de sua versão, porém a tia de Silveria, com insistência, conseguiu que ele confessasse a verdade. Perú não entendia porque Silveria tinha ficado tão magoada dizendo: “–¿Por qué Silveria se hace mala sangre...? Ella es mi verdadero amor. La otra era para diversión, no más” (PLÁ, 2014, p. 30).¹¹

Silveria só conseguia sentir aversão e repugnância a todas as desculpas de Perú e decidiu pôr um fim ao noivado. O amor tornou-se desilusão, mesmo que essa decisão a tivesse deixado muito triste. Seu pretendente, frustrado com o rompimento, insistia, mandava mensagens por terceiros e até mesmo ameaças, mas Silveria estava decidida. Indignada pela deslealdade de Perú, ela não deseja reatar o namoro. Há uma frase de Silveria dando indícios de sua desilusão e da firmeza de sua decisão: “–Me ha de matar, pero yo no he de ser su mujer” (PLÁ, 2014, p. 31).¹² Aliás, na sua fala já há uma prolepse em relação ao que irá ocorrer na sequência dos eventos narrativos, que vem explicitada pelo verbo “matar”.

Na trama, Silveria acaba com o sonho juvenil da personagem e quebra mais que uma jura, a de ser sua esposa e seu amor. Diante da renúcia da ex-noiva, Perú perde também seu orgulho e vaidade. Segundo Mateo Del Pino (1994, p.295-296), “La mujer se construye y se reconoce a partir de los discursos sociales que el código le impone [...] el discurso social dominante propone una mujer que jamás debe manifestar sus deseos”¹³. Além disso, de acordo com Saffioti (2015, p. 37), “as mulheres são socializadas para desenvolver comportamentos dóceis, cordatos, apaziguadores. Os homens, ao contrário, são estimulados a desenvolver condutas agressivas, perigosas, que revelam força e coragem”. Dessa maneira, após o término do noivado, Silveria se manteve afastada dos homens, ignorando-os e isso deu esperança a Perú. Na sequência, o narrador relata a convicção do protagonista de ser o “dono” e senhor da mulher que escolheu para

¹⁰ “Eduvigis, a melhor amiga de Silveria, estava grávida. A família fez averiguações do caso, e o culpado acabou sendo o Peru.”

¹¹ “– Por que Silveria é malvada ...? Ela é meu amor verdadeiro. A outra era para diversão, nada mais.”

¹² “– Ele há de me matar, mas eu não serei sua mulher.”

¹³ “a mulher se constrói e se reconhece a partir dos discursos sociais que o código impõe [...] o discurso social dominante propõe à mulher que jamais deve manifestar seus desejos.”

esposa: “-Es de balde. Silveria conmigo solamente se tiene que casar” (PLÁ, 2014, p. 31).¹⁴

O tempo passou, e Silveria emergindo de sua atitude de desânimo sombrio, começou a frequentar novamente as festas e danças. Perú se julgou no direito de reivindicar suas pretensões já invalidadas pelo rompimento do enlace entre os dois. Na continuidade das peripécias narradas, há um diálogo que evidencia o espaço pré-determinado a mulher – encarcerada no espaço doméstico e destinada ao casamento:

Silveria volvió a encerrarse en su rancho, del cual no salió em mucho tiempo sino para hacer viajes a la capital. Empezaron a correr rumores de que preparaba su ida definitiva a Asunción.

–Va a meterse de monja.

–Tiene un pretendiente en la capital.

–La tía va casarla con un gringo.

–¿Cuál gringo?

–Y, no sé... Por ahí. (PLÁ, 2014, p. 31).¹⁵

No fragmento citado, observa-se que os membros da sociedade local discutem o destino de Silvéria e, em tal discussão, revelam-se padrões patriarcais, que preconizam que a mulher deve restringir-se ao espaço privado, permanecer em sua casa, aguardando um bom casamento, o que, em última instância, é uma forma de consolidar o modelo patriarcal vigente no local onde a protagonista reside e que, ainda faz parte da realidade da mulher latino-americana na contemporaneidade.

Perú, em posição de dominador, passou a apresentar um comportamento marcado pela insanidade. Após os falatórios, começou a rodear como um tigre o rancho de Silveria, atrás de seu rival, mas não descobriu nada. No prosseguimento dos fatos, há um fragmento da narrativa que dá indício da inocente chegada de Antonio. Essa personagem tomará parte num triângulo amoroso sem nunca estar consciente disso:

Antonio Miranda había llegado al pueblo aquella misma mañana para ponerse al frente de la pequeña farmacia recién abierta. Era domingo y no se podía hacer nada; pero después de cenar quiso dar una vuelta. La noche de primavera era hermosa: tan tibia, tan serena, tan estrellada. Deploró no

¹⁴ “– Não é por nada. Silveria comigo somente tem que se casar.”

¹⁵ “Silveria voltou a se trancar em seu rancho, do qual não saiu por muito tempo, só para ir a capital. Começaram boatos de que preparava sua ida definitiva para Assunção.

– Vai ser freira.

– Tem um pretendente na capital.

– A tia vai casá-la com um gringo.

– Que gringo?

– Não sei... Por aí.”

estuviese allí su María Luisa, para compartir el paseo: se consoló pensando que dentro de quince días estaría casado y podría pasear con ella cuanto quisiera. (PLÁ, 2014, p. 31-32).¹⁶

Após andar excessivamente, Antonio se perdeu, já estava muito escuro e não sabia que caminho tomar e uma voz atrás dele o assustou, dizendo-lhe boa noite. Antonio olhou em direção à voz e respondeu ao cumprimento. Como estava perdido, seguiu rumo ao rancho de Silveria, e a voz perguntou-lhe:

Echó a andar, y lo hizo hacia el caminejo. El otro le atajó.
–Disculpe, señor –la voz era decididamente ronca– ¿pero por acaso usted no anda equivocado de camino...?
Antonio estuvo a punto de contestar que sí, que se había perdido; pero algo en su orgullo se molestó ante la grosera insistencia del espantajo.
–Si estuviese equivocado le habría preguntado a usted mi camino. (PLÁ, 2014, p. 32).¹⁷

Nas ações seguintes da personagem Perú, a narração apresenta prova da violência praticada por ele e confirmam o seu modo de agir marcado pelo orgulho de macho ferido e que se considera traído: “Y se dispuso [Antonio] a apretar el paso. Con una exclamación que fue como un rugido, el hombre saltó en la sombra y hundió su cuchillo en la espalda del forastero, que con un quejido se desplomó a sus pies” (PLÁ, 2014, p. 33).¹⁸

Ali, a cinquenta metros de distância, estava o rancho de Silveria. Como estava quente, Silveria dormia com a janela aberta. Por ela entrou Perú. Ela dormia com a luz fraca de uma vela acesa. Acordou e antes que pudesse gritar, foi surpreendida pelo ex-pretendente:

la diestra áspera de Perú la atenazaba el cuello. Resistió cuanto pudo: mordió hasta el hueso el brazo brutal. Sólo consiguió enfurecer más a Perú, que apretó más fuerte la suave garganta. Y se halló de pronto con el cuerpo tibio

¹⁶ “Antonio Miranda havia chegado à cidade aquela manhã para tomar conta da pequena farmácia recém-aberta. Era domingo e não tinha nada para fazer; mas depois do jantar ele foi dar uma volta. A noite de primavera era linda: tão quente, tão serena, tão estrelada. Lamentou que sua Maria Luísa não estivesse presente para compartilhar o passeio: ele se consolou pensando que dentro de quinze dias ele se casaria e poderia andar com ela o quanto quisesse.”

¹⁷ “Ele começou a andar e caminhou em direção ao caminho de terra batida. O outro o interrompeu. Desculpe, senhor – a voz era decididamente rouca – mas você não está equivocado no caminho...?”

Antonio estava prestes a responder sim, ele havia se perdido; mas algo em seu orgulho estava incomodado com a insistência rude do espantalho.

– Se eu estivesse errado, eu teria perguntado a você meu caminho.”

¹⁸ “E se dispôs [Antonio] a apressar o passo. Com uma exclamação que parecia um rugido, o homem pulou na sombra e enfiou a faca nas costas do estranho, que com um gemido caiu a seus pés.”

y flojo, sin vida, entre las manos. Le deslumhró un resplandor: la vieja parienta encuadraba en la puerta su escuálida figura llevando en las manos un candelero. Huyó. Nunca más nadie en el pueblo lo volvió a ver. El voto de Silveria se había cumplido: muerta antes que ser suya. (PLÁ, 2014, p. 33).¹⁹

A frase romantizada dos altares nas cerimônias nupciais, até que “a morte nos separe”, aconteceu, porém de outro modo, o amor transformou-se em posse, perseguição, crueldade e morte. Nesse sentido, o desencontro afetivo dessas duas personagens termina em tragédia, com a morte violenta de dois seres inocentes – Antonio e Silveria. A respeito da violência Saffioti (2015, p. 90) enfatiza que

a violência doméstica apresenta características específicas. Uma das mais relevantes é sua rotinização, o que contribui, tremendamente, para a codependência e o estabelecimento da relação fixada. Rigorosamente, a relação violenta se constitui em verdadeira prisão. Neste sentido, o próprio gênero acaba por se revelar uma camisa de forças: o homem deve agredir, porque o macho deve dominar a qualquer custo; e a mulher deve suportar agressões de toda ordem, porque seu “destino” assim o determina.

Verifica-se que o conto apresenta uma narrativa atual e, mesmo escrito em 1958, observamos as repetições de padrões de violência na contemporaneidade tais como perseguição, assédio, ameaça e feminicídio, pois para o patriarcado o “macho” deve comandar mesmo que seus atos tragam sofrimento. Isso significa que a sociedade continua reproduzindo e pregando os mesmos modelos e comportamentos. O conjunto das atitudes de Perú diante da situação narrada comprovam os valores inculcados na personagem, uma vez que seu discurso está contaminado por um modelo machista patriarcalista. Tendo em conta seu ambiente, sociedade e sentimentos, as suas atitudes e ações refletem a sua condição de sujeito e as imposições patriarcais referentes ao homem no patriarcado. Finalmente, na sequência dessa exposição, há um diálogo que evidencia a importância das duas cruzes descritas no início da narrativa:

Vecinos piadosos levantaron la cruz para el joven forastero. La vieja parienta hizo construir el nicho de Silveria, que pasó a ser el mimado de los contornos. Así es como solicitan hoy juntas la atención del viandante las

¹⁹ “a áspera mão direita de Perú agarrou seu pescoço. Ela resistiu o máximo que pôde e mordeu o braço de Perú brutalmente até o osso. Só conseguiu enfurecê-lo ainda mais, que apertou sua garganta com mais força. E de repente ele olhou aquele corpo frágil e sem vida em suas mãos. Um brilho o despertou, era a velha tia, com sua figura pálida na porta com um castiçal nas mãos. Ele fugiu e nunca mais ninguém na cidade o viu novamente. A sua ameaça de que se Silveria não fosse sua, morreria, cumpriu-se.”

cruces recordatorias de dos jóvenes que no se conocieron, pero que murieron el uno a causa del otro una noche tibia de primavera. (PLÁ, 2014, p. 33-34).²⁰

Enfim, uma tragédia acaba aproximando dois desconhecidos – Silveria e Antonio – e as duas cruces podem ser considerados como dois símbolos que se levantam contra os desmandos e a violência praticada pelos homens cujo comportamento é regido por dogmas patriarcais e que precisarão ser combatidos e extirpados do seio da humanidade, para que mulheres e homens possam ter as mesmas prerrogativas e os mesmos direitos não só na América Latina, mas no mundo todo.

Silveria e o destino que se cumpre

Munida do instrumento da escrita, Josefina Plá delineia o cenário do casal apaixonado e, o efeito de uma determinada visão da sociedade atuando como fator estético e permitindo compreender o discurso a respeito do homem. Segundo Cortázar (*apud* GOTLIB, 2006, p. 67), “o conto excepcional é o conto muito bom. Excepcional é a marca de qualidade literária que torna alguns contos inesquecíveis para quem os lê”. De fato, os dois personagens principais do conto nos surpreendem, seja nas suas ações, seja em seus discursos. A respeito do discurso, Fiorin (1998, p. 45) tece o seguinte comentário:

[...] um discurso pode aceitar, implícita ou explicitamente, outro discurso, pode rejeitá-lo, pode repeti-lo num tom irônico ou reverente. Por isso é que o discurso é o espaço da reprodução, do conflito ou da heterogeneidade. As relações interdiscursivas podem, assim, ser contratuais ou polêmicas.

Dentro desse viés, observa-se que o personagem Pedro Esquivel é fruto do patriarcado e de uma mentalidade machista, que considera a mulher como um objeto. Esse é um discurso que se perpetua e chega até a nossa contemporaneidade. A esse respeito Fiorin (1998, p.55) pontua que

a linguagem tem influência também sobre os comportamentos do homem. O discurso transmitido contém em si, como parte da visão de mundo que

²⁰ “Vizinhos piedosos ergueram a cruz para o jovem forasteiro. A parenta idosa fez o nicho de Silveria, que passou a ser o mais mimado dos contornos. É assim que chamam atenção dos viajantes, as cruces que lembram dois jovens que não se conheceram, mas que morreram um por causa do outro em uma noite quente de primavera.”

veicula, um sistema de valores, isto é, estereótipos dos comportamentos humanos que são valorizados positiva ou negativamente. Ele veicula os tabus comportamentais.

Dessa maneira, pode-se concluir que o discurso narrativo da escritora paraguaia valoriza aspectos positivos em Silveria e negativos em Perú e cristaliza estereótipos de uma visão de mundo. Dentro da ficção, podemos observar os valores de Silveria, sua essência transmitia confiança, era trabalhadora, honesta e fiel. Ela vivia em uma sociedade paradigmática, na qual a mulher tinha um lugar pré-determinado – casar-se, gerar filhos e ser obediente ao marido. Já Perú sua condição de homem lhe dava mais liberdade. Dentro da ficção constata-se que o homem não é apenas bom ou mau, mas é um ser complexo, favorecido pelas leis e regras da sociedade patriarcal, que menospreza e desvaloriza a figura feminina.

Dessa forma, o gênero é a construção social do masculino e do feminino e, nesse sentido, Silveria é vista como doce, fiel, trabalhadora, já Perú é infiel e tem comportamentos agressivos, avalizados pela sociedade que aceita e valoriza a supremacia do homem em todas as esferas sociais. De acordo com Mateo Del Pino (1994, p.292), “El hombre que aparece en los cuentos de Josefina Plá establece con las mujeres diversos tipos de relaciones, donde él siempre se erige como amo y señor. La mujer está para servir al hombre en el hogar, en el trabajo y, también, en el amor”.²¹

No entanto, contrariando o discurso e as normas da época, a narrativa dá voz à personagem e, diante das circunstâncias, Silveria deixa de lado seu conflito pessoal, livra-se do que lhe fez mal. Ela se rebela contra o que o destino lhe tenta impor, luta contra o que lhe é imposto, quebra paradigmas, liberta-se e busca autonomia. Sai do seu espaço privado e, indo ao espaço público, tenta de todas as formas quebrar as amarras, porém, vivendo em uma sociedade que ratifica e aceita a violência contra mulher, com posturas sociais e culturais machistas, que naturalizam comportamentos masculinos agressores, a personagem vai pagar um alto preço por sua postura corajosa. Dessa forma, percebemos que o machismo exige dos homens uma atitude de enfretamento, e diante dos boatos e circunstâncias vividas por Perú, inconformado e com sua honra

²¹ “O homem que aparece nos contos de Josefina Plá estabelece com as mulheres diversos tipos de relações, nas quais ele sempre se destaca como mestre e senhor. A mulher está para servir o homem em casa, no trabalho e, também, no amor.”

ferida, ele realiza todo tipo de violência. Em relação à virilidade e bravura masculinas, Bourdieu (2017, p. 78-79) esclarece que

o que chamamos de “coragem” muitas vezes tem suas raízes em uma forma de covardia: para comprová-lo, basta lembrar todas as situações em que, para lograr atos como matar, torturar ou violentar, a vontade de dominação, de exploração ou de opressão baseou-se no medo “viril” de ser excluído do mundo dos “homens” sem fraquezas, dos que são por vezes chamados de “duros” porque são duros para com o próprio sofrimento e sobretudo para com o sofrimento dos outros.

Dentro dessa perspectiva, os homicídios cometidos por Perú não demonstram atos de coragem, pois ele matou Antonio pelas costas, sem dar chance de defesa ou ação, já Silveria estava indefesa em seu ambiente privado, dormindo. Em suas atitudes, verifica-se uma postura covarde, longe de poder ser considerada como algo viril, embora socialmente, tal comportamento possa ser aceito e até valorizado.

Ainda de acordo com o pensamento de Bourdieu (2017, p.79), “a virilidade, como se vê, é uma noção eminentemente relacional, construída diante dos outros homens e contra a feminilidade, por uma espécie de medo do feminino, e construída, primeiramente, dentro de si mesmo”. Os comportamentos de Perú asseveram sua obsessão e um acentuado e irreprimível sentimento de posse. Ele age como se tivesse poder sobre o corpo e os sentimentos de Silveria. Nesse sentido, a colocação de Bourdieu lança uma reflexão necessária sobre o machismo e suas consequências, trazendo uma discussão sobre a sociedade, mostrando que a mulher tem capacidade e direito de escolha e que os homens por medo de serem excluídos ou chamados de fracos, cometem atrocidades. Em relação ao sistema patriarcal, Saffioti (2015, p. 112-113) chama atenção para outros fatos que se perpetuam na sociedade de todos os países e de todas as épocas:

O importante a reter é que a base material do patriarcado não foi destruída, não obstante os avanços femininos, quer na área profissional, quer na representação no parlamento brasileiro e demais postos eletivos políticos. Se na Roma antiga o patriarcado tinha direito de vida e morte sobre sua mulher, hoje o homicídio é crime no Código Penal, mas os assassinos gozam de ampla impunidade. Acrescente-se o tradicional menor acesso das mulheres à educação adequada e à obtenção de um posto de trabalho prestigioso e bem remunerado.

Verifica-se que mesmo com os avanços, muitos casos de homicídios cometidos contra a mulher continuam impunes, e a dominação-exploração do patriarcado não consiste apenas nesse tipo de violência, já que mulheres continuam sendo discriminadas em questões salariais e marginalizadas em importantes papéis econômicos e políticos.

No conto analisado, observamos a impunidade do protagonista, que, após ter seus desejos frustrados, mata a noiva, a qual considera como uma propriedade sua. Seu comportamento confirma e comprova a força da estrutura patriarcal, que ainda favorece o homem em detrimento da mulher, que é uma vítima e que muitas vezes não consegue evitar que atos de violência possam terminar de modo trágico e ainda sejam encarados com naturalidade, sem que haja empenho para que o agressor seja punido.

Nessa ótica, para se entender o caráter peculiar do conto, e o da ficção em sentido mais amplo, de acordo com Candido (2014), o romance moderno procurou diminuir a ideia de esquema do ser fixo, a personagem é mais lógica, embora não mais simples, do que o ser vivo, mas a sua profundidade é um universo cujos dados estão todos à mostra e foram pré-estabelecidos pelo seu criador, que os selecionou e limitou em busca de lógica. Esse estudioso ainda tece a seguinte observação:

Na vida, estabelecemos uma interpretação de cada pessoa, a fim de podermos conferir certa unidade à sua diversificação essencial, à sucessão dos seus modos-de-ser. No romance, o escritor estabelece algo mais coeso, menos variável, que é a lógica da personagem. A nossa interpretação dos seres vivos é mais fluida, variando de acordo com o tempo ou as condições da conduta. No romance, podemos variar relativamente a nossa interpretação da personagem; mas o escritor lhe deu, desde logo, uma linha de coerência fixada para sempre, delimitando a curva da sua existência e a natureza do seu modo-de-ser. (CANDIDO, 2014, p. 59).

Nesse sentido, no universo narrativo, as personagens nos apresentam tendências e valores de ordem intelectual, religiosa, moral, político-social e tomam determinadas atitudes em face desses valores que foram pré-estabelecidos pelo seu criador. Dentro dessa perspectiva, no âmbito narrativo, os discursos e ações de Perú nos apontam para um modelo machista em contexto patriarcal. Vimos que o patriarcado representa uma estrutura de poder baseada tanto na ideologia quanto na violência, seja ela simbólica, psicológica ou física. Os discursos e ações da personagem são frutos dessa cultura que resultaram em violência, que foram praticadas pela personagem nas mais variadas formas: perseguição, assédio, ameaça e homicídio. A respeito da relação entre gênero e violência, Saffioti (2015, p. 46-47) assinala que

O conceito de gênero – a expressão violência doméstica costuma ser empregada como sinônimo de familiar e, não tão raramente também de violência de gênero. Esta, teoricamente, engloba tanto a violência de homens, uma vez que o conceito de gênero é aberto, sendo este o grande argumento das críticas do conceito de patriarcado, que, como o próprio nome indica, é o regime da dominação-exploração das mulheres pelos homens.

À vista disso, o conceito de violência de gênero não se limita à violência praticada por homens contra mulheres, mas a todo tipo de violência praticada entre os gêneros. Na história de Perú e Silveria, observamos a existência da violência da figura masculina em relação à feminina, pelo fato daquele haver sido preterido por esta, e isso, para um representante singular do patriarcado, era inadmissível.

Nesse sentido, Josefina Plá dispensou uma linguagem carregada, deu aos personagens apenas alguns adjetivos, trabalhou as palavras de maneira minuciosa e concisa. Não se tem muita noção do espaço. Silveria e Perú são retratados como um casal de colonos apaixonados desde criança, que vive em um povoado, o tom narrativo exalta os conflitos entre os protagonistas, transmitindo emoções, desejos e violência. Não se tem detalhes do ambiente, percebe-se que se trata de um espaço rural, uma sociedade trabalhadora e cristã. A narração submete o leitor à experiência da perseguição sofrida por Silveria. E, como se viu, o enredo sofre um desdobramento polêmico com a trágica morte de Antonio e de Silveria. A explanação dos acontecimentos na narrativa centra-se no ponto de vista de alguém que assiste de fora, mas sabe muito sobre o casal.

O plano discursivo refere-se ao adultério e à violência, e a tematização da violência exige uma linguagem sucinta e incisa, daí a eficiência do cerceamento de Perú a respeito de Silveria. Fiorin (1998, p. 54) aponta a importância da linguagem a esse respeito, porque

isso significa que a linguagem condensa, cristaliza e reflete as práticas sociais, ou seja, é governada por formações ideológicas. Ao mesmo tempo, porém, em que é determinada é determinante, pois ela, “cria” uma visão de mundo na medida em que impõe ao indivíduo uma certa maneira de ver a realidade, constituindo sua consciência.

Assim observamos que Plá, utilizando-se do engenho artístico e sua carga de valores humanos e literários, tem uma maneira peculiar de entender e ver o mundo. O texto é limpo e seco, incisivo, mordaz, sem trégua desde o começo. Uma criação

espontânea do exame crítico do mundo, na qual se evidencia o fato de que as leis e normas da sociedade patriarcal ainda têm vigência e se fazem presente na realidade cotidiano do mundo contemporânea. A literatura ficcional capta e reflete brilhantemente essa realidade e também oferece a oportunidade de conscientização dos leitores sobre o papel da mulher e as mazelas a que o posicionamento machista e irracional masculino reserva às figuras femininas.

Considerações finais

De acordo com Fiorin (1998), a linguagem é como um molde, que ordena o caos, que é a realidade em si. Pode-se dizer que uma mesma realidade pode ser apreendida diversamente por homens distintos e que a linguagem pode ser instrumento de libertação ou de opressão, de mudanças ou de conservação. Nesse sentido, não há como negar que Plá, fazendo uso da linguagem, e partindo do título de uma lenda, atualizou um acontecimento por meio de seu conto “Curuzú la novia”.

Esse conto criou uma imagem ordenada no universo textual para comunicar-se com o leitor, para que ele reflita ou mude de comportamento, ou faça algo, para que se conscientize das disparidades que existem entre o universo masculino e o feminino, pois a este reservam-se posições de submissão e de aceitação das vontades daquele. Embora o conto tenha sido escrito no século XX, a sua temática ainda é muito atual. O sistema do patriarcado ainda vigora com muita força, apesar de todas as mudanças que têm ocorrido na contemporaneidade.

O protagonista do conto encarna os valores patriarcais e segue um posicionamento rígido no qual objetifica a mulher, sobre quem acredita ter o direito de vida e morte. A sua impunidade confirma a existência e a permanência desses valores retrógrados. Dessa maneira, ao aliar lenda e conto, através da reescritura, Josefina Plá dá testemunho da sua visão de mundo e favorece a conscientização de problemas que ainda afetam o universo feminino.

Verifica-se que “Curuzú la novia” é uma narrativa breve, porém pujante e marcante, pois percebemos também que não existem no conto elementos gratuitos ou puramente decorativos, sua tensão é constante, convertendo-se num resumo da condição humana. Nele não há heróis com os quais possamos nos identificar, porém sua leitura provoca impacto e percepção que as circunstâncias podem ocasionar fatalidades e

assim, o trágico também serve como um elemento de conscientização, de tomada de consciência de determinadas situações petrificadas na nossa sociedade e que o texto literário, além de ocasionar o prazer da leitura, também pode retratar e recriar a realidade com o propósito de levar à reflexão, à problematização de eventos que ocorriam no passado e que não se encontram tão distantes da nossa realidade do século XXI.

Referências

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria semiótica do texto**. 4. ed. São Paulo: Editora Parma LTDA, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 4. ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2017.

CANDIDO Antonio et al. **A personagem de ficção**. 13. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

CANDIDO Antonio. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CORTÁZAR, Julio. Alguns aspectos do conto. In: **Valise de cronópio**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. 6. ed. São Paulo. Ática, 1998.

GENETTE, Gerard. **O discurso da narrativa**. Lisboa: Arcádia, 1979.

GOTLIB, Nádia Battella. **A Teoria do Conto**. 11. ed. São Paulo. Ática, 2006.

MATEO DEL PINO, Ángeles. **En la piel de la mujer**: un recorrido por la cuentística de Josefina Plá. *Philologica Canariensis*, núm. 0, Las Palmas de Gran Canaria: Universidad de Las Palmas de Gran Canaria, primavera de 1994, p. 281-299.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2013.

PÉREZ-MARICEVICH, Francisco (org.). **Mitos indígenas del Paraguay**. Assunción: EL Lector, 1996.

PLÁ, Josefina. Curuzú la novia. In: **Cuentos completos I, II**. Asunción: Servilibro, 2014, p.29-34.

POE, Edgar Allan. **Poemas e ensaios**. Trad. de Oscar Mendes e Milton Amado. 3. ed. rev. São Paulo: Globo, 1999.

PROPP, Vladimir I. **Morfologia do conto maravilhoso**. CopyMarket.com, 2001.

RIVAROLA, Ernesto. **Curuzú la novia**. Disponível em:

<<http://www.guiamarilladeformosa.com/leyenda-de-curuzu-la-novia---formosa.html>>

Acesso em: 01 dez. 2018.

RIGAUD, Myriam. **Deux reecritures contemporaines de contes traditionnels**. Université Stendhal, 2008-2009. Disponível em:
<<https://dumas.ccsd.cnrs.fr/dumas-00439451/document>> Acesso em: 01 dez. 2018.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero patriarcado violência**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **O poder do macho**. 3. ed. São Paulo: Moderna, 1987.